

INTELIGENTE E LUCRATIVA

DA NEUROCIÊNCIA AO AGRONEGÓCIO. Dos serviços bancários aos carros autônomos, assim como nos celulares e computadores que usamos no dia a dia. A cada hora que passa, as tecnologias que utilizam inteligência artificial — ou IA, para os íntimos — estão sendo implementadas em mais e mais atividades. Antecipada em livros de ficção, como os de Isaac Asimov, a expressão IA representa o estágio em que as máquinas eletrônicas começaram a mostrar uma capacidade de pensar, ou de aprender, conforme executam suas tarefas. Com esse diferencial, vão se aproximando da habilidade que nos distingue de outros seres do planeta. É algo que provoca fascínio e temor ao mesmo tempo. Um impulso novo que não sabemos aonde vai nos levar. Destruirá empregos? Trará o domínio de robôs sobre os humanos? De concreto, a IA tem gerado avanços extraordinários na produtividade e no poder de criação e de atuação. Que o digam os médicos que hoje executam cirurgias delicadas sem precisar abrir um organismo. No campo dos negócios, não há setor ou empresa que possa considerar-se à parte dessa onda. Embora sejam onipresentes, as principais mudanças começaram pelas próprias companhias de tecnologia da informação. Nessa área, nenhuma despontou tanto quanto a Nvidia, uma típica empresa do maior polo de inventividade tecnológica do mundo, o Vale do Silício, na Califórnia.

A Nvidia é a principal produtora dos chips em que rodam os programas de inteligência artificial. Atua como fornecedora de outras empresas, estas sim as criadoras dos softwares de IA, como Microsoft, Amazon e Google. Por quase não vender direto ao mercado de consumo, é pouco conhecida. A não ser dos gamers, pois seus processadores estão por trás das imagens e dos movimentos dos jogos mais complexos. De dois anos para cá, no entanto, a Nvidia chamou atenção por seu disparo na bolsa de valores Nasdaq. Seu valor de

JUSTIN SULLIVAN/GETTY IMAGES



NVIDIA Chip valioso: empresa é a que mais ganha com IA

mercado foi multiplicado de 230 bilhões de dólares em outubro de 2022 para 2,3 trilhões atualmente. Tornou-se, com isso, a terceira empresa mais valiosa do mundo, atrás de Microsoft e Apple, duas estrelas que ocupam o topo há anos. São negócios cuja ascensão, a seu tempo, foi acompanhada por VEJA, sempre atenta para reportar as evoluções nas fronteiras da tecnologia. Os líderes dessas gigantes, como Bill Gates e Steve Jobs, tornaram-se figuras incensadas no universo corporativo e além dele.

Agora, o nome em evidência é o de Jensen Huang, o líder de um trio de engenheiros que criou a Nvidia, em 1993. VEJA foi conferir de perto o momento de brilho de Huang e da Nvidia, em San José, cidade onde a empresa fez um evento de três dias, em clima de show de rock, com o próprio Huang no palco, vestido de preto e jaqueta de couro. “Parecia que a qualquer momento ele poderia sacar uma guitarra e arriscar um solo à la Jimi Hendrix”, diz Felipe Carneiro, jornalista que trabalha como colaborador de VEJA nos Estados Unidos. Além de participar do evento em San José, ele foi até a vizinha cidade de Santa Clara conhecer a sede da companhia. Ali, nos treze prédios basicamente de laboratórios e administração, trabalham 7 000 pessoas, em boa parte engenheiros e cientistas da computação. A Nvidia não é uma startup promissora, observa Carneiro. “É um negócio que faturou 61 bilhões de dólares no ano passado e teve lucro de 30 bilhões.”

O valor de mercado pode flutuar, mas Huang, inteligentemente, construiu uma empresa com resultado nada artificial. Como mostra a reportagem na pág. 58 desta edição, por ora quem está ganhando dinheiro com o fenômeno da IA é ele com a sua Nvidia. ■



NA VANGUARDA

Algumas capas publicadas por VEJA sobre avanços da tecnologia: cobertura atenta das fronteiras do conhecimento humano